



Mediunidade e desenvolvimento humano: uma investigação com médiuns espíritas de Uberaba-MG, Brasil

Mediumship and human development: an investigation with spiritist mediums from Uberaba-MG, Brazil

Sara Miyuki Suzuki

Universidade Federal do Triângulo Mineiro
Brasil

Fabio Scorsolini-Comin

Universidade de São Paulo
Brasil

Resumo

O objetivo deste estudo é refletir sobre os processos de desenvolvimento humano de pessoas que atuam como médiuns em comunidades espíritas na cidade de Uberaba, Estado de Minas Gerais, Brasil. Para tanto, foi empregado o modelo bioecológico tanto para a compreensão do desenvolvimento humano como da experiência da mediunidade segundo as narrativas de nove médiuns de três casas espíritas diferentes, todas submetidas à análise temática reflexiva. As relações proximais estabelecidas nos centros espíritas foram apontadas como importantes para a compreensão da experiência mediúnica, com destaque para o aprendizado oportunizado não apenas pelo estudo da doutrina dentro da instituição como do trabalho assistencial presente no microsistema. No espiritismo, o caráter temporal ultrapassa os limites da experiência terrena, passível de compreensão bioecológica, sendo necessário que o cronossistema considere o progresso espiritual através de diferentes encarnações. A mediunidade marcou, nesses participantes, uma importante transição ecológica responsável por evidenciar a ocorrência do desenvolvimento humano.

Palavras-chave: espiritismo; mediunidade; religião.

Abstract

The aim of this study is to reflect on the human development processes of people who work as mediums in spiritist communities in the city of Uberaba, State of Minas Gerais, Brazil. The bioecological model was used both to understand human development and the experience of mediumship according to the narratives of nine mediums from three different spiritist houses, all of which were submitted to reflective thematic analysis. The proximal relationships established in the spiritist centers were pointed out as important for the understanding of the mediumistic experience, with emphasis on the learning provided not only by the study of the doctrine within the institution but also of the assistance work present in the microsystem. In spiritism, the temporal character goes beyond the limits of the earthly experience, capable of bioecological understanding, being necessary that the chronosystem



considers the spiritual progress through different incarnations. Mediumship marked, in these participants, an important ecological transition responsible for highlighting the occurrence of human development.

Keywords: spiritism; mediumship; religion.

A mediunidade é um fenômeno presente em diversas religiões e cultos espirituais, entre eles o espiritismo. No campo da saúde mental, por muito tempo a mediunidade foi concebida como uma manifestação do adoecimento psíquico (Almeida, 2007). Na história da Psicologia e na Psiquiatria o estudo da mediunidade contribuiu para a construção de determinados conceitos no campo da saúde mental, como a dissociação, bem como concepções teóricas da psicopatologia dos séculos XIX e XX (Alvarado, Machado, Zangari, & Zingrone, 2007). Assim, a mediunidade tanto era estudada quanto um fenômeno em si como permitia a investigação de processos psicopatológicos presentes nas inteligibilidades desse período.

Na contemporaneidade tem havido um movimento no sentido de despatologizar as expressões mediúnicas e situá-las como eventos culturais ligados a determinadas práticas religiosas e espirituais, ou seja, inserindo-as como uma manifestação do sujeito em um dado contexto sociocultural (Menezes Júnior, Alminhana, & Moreira-Almeida, 2012; Osborne & Bacon, 2015; Scorsolini-Comin, 2019). As investigações construídas a partir de então passam a compreender a mediunidade como um fenômeno ligado à cultura, à socialização e a diversas manifestações presentes nas religiões, sendo uma delas o espiritismo.

O espiritismo tem sua origem na França, com a publicação da obra *O livro dos espíritos*, de Allan Kardec, em 1857. Com princípios como a imortalidade, comunicabilidade e reencarnação dos espíritos, o espiritismo aportou no solo brasileiro, difundindo-se rapidamente. Enquanto propagava-se pelo Brasil, seu precursor, Kardec, ainda aprimorava os principais tomos de sua obra (Fernandes, 2008; Stoll, 2002). Kardec publicou vários livros e editou, no período de 1858 a 1869, a Revista Espírita.

No Brasil, o espiritismo tem como um dos seus protagonistas o médium Francisco Cândido Xavier, mais conhecido como Chico Xavier, nascido na cidade de Pedro Leopoldo, Estado de Minas Gerais, em 1910, e falecido na também mineira cidade de Uberaba em 2002 (Lewgoy, 2001). Chico Xavier foi um dos responsáveis pela popularização do espiritismo no Brasil devido aos seus diversos livros psicografados, seus atendimentos públicos e também a sua repercussão na mídia. Ainda em termos dessa expansão e popularização, Damazio (1994), em estudo desenvolvido no Rio de Janeiro, destaca que esses



processos ocorreram em função da “prática da caridade através do atendimento aos necessitados” (p. 143). Apesar da sua expansão pelas diferentes camadas sociais, a autora considera a importância dessa assistência em um país marcado pela desigualdade social e pela dificuldade da população oriunda das camadas pobres terem acesso a equipamentos de cuidado e de proteção via Estado.

Segundo Kardec (1859/2013), o espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação que consiste em buscar conhecimento das relações que se estabelecem entre nós e os espíritos, e uma doutrina filosófica, por compreender as consequências morais que derivam dessas relações. O espiritismo sustenta-se, entre outros, na crença na reencarnação dos espíritos, que estão em um processo de progresso espiritual e na existência de dois mundos distintos: o espírita, que é eterno e preexistente; e o corporal, que é secundário e não afeta a essência do mundo espírita. No entanto, ambos estão correlacionados. A comunicação dos espíritos com os homens pode ser espontânea ou mediante evocação e, quando se trata de espíritos superiores, ela traz ensinamentos importantes que podem ser seguidos no plano terrestre, mas respeitando o princípio do livre-arbítrio (Fernandes, 2008).

Kardec (1861/2006) explicita que toda pessoa que sente a influência dos espíritos, independentemente da intensidade deste fenômeno, pode ser considerada médium. Para o autor, a faculdade mediúnica não se manifesta igualmente em todos os sujeitos e depende, além da aptidão especial para alguma ordem de fenômenos, de estudos para o seu desenvolvimento. Assim, o espiritismo parte da premissa que todas as pessoas teriam algum nível de mediunidade. As variedades de manifestações da mediunidade podem envolver uma gama de experiências, como sensações, pressentimentos, audições, visualizações e atividades relacionadas à cura e à psicografia. Esta última se tornou bastante popular no Brasil a partir da presença de Chico Xavier na mídia e da difusão do seu trabalho. Um exemplo icônico ocorreu no programa de TV Pinga-Fogo, na TV Tupi, no ano de 1971 (Gomes, 2010), considerado um fenômeno de audiência e amplamente reproduzido como um dos principais registros de Chico Xavier.

Em que pese uma tradição de estudos sobre a mediunidade em uma perspectiva psicopatológica na Psicologia e na Psiquiatria, tal como resgatado por Alvarado e outros (2007), no espiritismo ela também não constitui uma categoria unívoca. Cavalcanti (2008), por exemplo, em estudo sobre o que denomina como sistema ritual espírita, insere os trabalhos de caridade voltados à comunidade e também o estudo realizado dentro das casas espíritas como vértices de uma compreensão ampliada de mediunidade. Para a autora, a



mediunidade estaria inserida em uma hierarquia complexa que contempla o valor pessoal e o moral de cada um. No entanto, nem sempre essa visão é compartilhada pelos espíritas, como discutiremos neste estudo.

Para que as faculdades mediúnicas sejam aprimoradas é preciso que o médium esteja em constante desenvolvimento, o que pode se dar a partir da filiação do adepto a um centro espírita. Nesses espaços há estudos regulares acerca de obras espíritas, além de atividades como sessões de passes, evangelização, serviços voltados à comunidade, entre outros (Lewgoy, 2006), bem como um processo de orientação àqueles em busca de compreensão ou de desenvolvimento da própria mediunidade.

A grande expressão do espiritismo no contexto brasileiro evoca a necessidade de estudos que perenemente busquem compreender não apenas o modo como a doutrina se faz presente neste contexto, mas de suas possíveis transformações ao longo do tempo (Aubrée & Laplantine, 1990). Para tanto, conhecer seus personagens pode nos permitir acessar uma inteligibilidade que ultrapassa os ensinamentos do espiritismo transmitidos a partir de livros e das diferentes casas espíritas, mas conhecendo, possivelmente, as diferentes expressões desses aspectos nas experiências individuais.

Embora os estudos sobre os médiuns não sejam propriamente uma novidade nas ciências sociais nem na Psicologia, destaca-se que uma das possibilidades que se apresentam nesse contexto é justamente compreender os percursos de vida de pessoas que desenvolvem a sua mediunidade dentro dessa doutrina. Para além das tentativas de definir ou de explicar o fenômeno da mediunidade, neste estudo buscamos compreender as experiências desses médiuns. Assim, o objetivo deste estudo é refletir sobre os processos de desenvolvimento humano de pessoas que atuam como médiuns em comunidades espíritas na cidade de Uberaba, Estado de Minas Gerais, Brasil. Para tanto, será empregado o modelo bioecológico tanto para a compreensão do desenvolvimento humano (Bronfenbrenner, 1979/2002) como da experiência da mediunidade segundo a narrativa dos médiuns. A aplicação da perspectiva bioecológica na investigação da mediunidade também tem emergido como uma possibilidade em pesquisas realizadas no contexto das religiões de matriz africana, por exemplo (Camargo, Scorsolini-Comin, & Santos, 2018), contribuindo para a desconstrução de perspectivas racistas e preconceituosas acerca da mediunidade e suas variadas expressões.

Em contraposição ao estudo de Cavalcanti (2008), nesta presente investigação não contemplamos na definição de mediunidade, para a seleção da amostra, a atuação exclusiva do colaborador nas atividades abarcadas como



caridade e estudo. Para tanto, são considerados como médiuns os colaboradores de casas espíritas que desenvolvem um trabalho regular por meio de faculdades relacionadas a expressões como visualizações, audições e comunicação com espíritos. A escolha da cidade de Uberaba como contexto ecológico para a investigação deu-se em função da forte tradição espírita existente nesse município, o que se deu também em função da presença carismática do médium Chico Xavier, considerado um dos ícones mais importantes dessa religião no Brasil, com renome internacional (Lewgoy, 2001). Analisando os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Betarello (2010) destaca que a concentração de população espírita na microrregião de Uberaba é de 11,92%. Assim, Uberaba tem sido identificada como uma das cidades que também nos ajudam a compreender a história do espiritismo no Brasil, constituindo um campo privilegiado para as investigações acerca da mediunidade.

Método

1. Tipo de Estudo e Aspectos Éticos

Trata-se de um estudo exploratório e de abordagem qualitativa. Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição de origem dos autores. Em termos do desenho da pesquisa qualitativa, foi empregado, na condução e apresentação deste estudo, o *checklist* do protocolo COREQ (*Consolidated Criteria for Reporting Qualitative Research*), agrupado em três domínios: (i) equipe de pesquisa e reflexividade, (ii) desenho do estudo, (iii) análise de dados e relatório (Tong, Sainsbury, & Craig, 2007).

2. Participantes

A amostra foi composta por nove participantes, médiuns atuantes em três Centros Espíritas distintos, todos situados na cidade de Uberaba, Estado de Minas Gerais, Brasil. Os participantes foram identificados neste estudo com nomes fictícios, a fim de resguardar suas identidades. Os nomes dos Centros Espíritas também foram omitidos. Os médiuns tinham média de idade de, aproximadamente, 54 anos (com variação de 35 a 80 anos). Os tipos de mediunidade referidos pelos participantes foram: psicofonia, vidência, audição, premonição, psicografia, desdobramento e intuição. Dentre os participantes havia quatro homens e cinco mulheres, de diferentes níveis de escolaridade e



camadas sociais. Os médiuns foram convidados a participar tanto por indicação dos dirigentes de cada centro quanto a partir do contato prévio da pesquisadora (primeira autora).

3. Instrumento

Foi empregado um roteiro de entrevista semiestruturado desenvolvido especificamente para este estudo. Neste roteiro, primeiramente, havia o pedido para que o participante narrasse a sua história de vida, utilizando-se de suas próprias palavras e destacando os fatos que considerasse mais relevantes até o presente momento. Através desse questionamento buscou-se captar os elementos e momentos que são mais significativos para o participante em sua trajetória, além de possibilitar, a partir da forma como o sujeito decide contar e encadear sua história, a compreensão dos fatos do passado que se fundem com os do presente considerando efeitos como os da passagem do tempo, os eventos de vida e outros marcadores. Posteriormente eram apresentadas perguntas relacionadas à experiência da mediunidade, relação que o médium estabelece com a religião, processo de desenvolvimento dentro da religião, bem como relações estabelecidas com a instituição religiosa e a comunidade de referência.

4. Procedimento

4.1 Coleta de dados

Foram visitados pela pesquisadora diversos centros espíritas de Uberaba, a partir de um levantamento feito no site da Aliança Municipal Espírita de Uberaba (AME). Esses centros mostraram-se muito receptivos à presença da pesquisadora em campo, tendo seus responsáveis e/ou presidentes concordado prontamente com o pedido de realização da pesquisa. Os centros nos quais os médiuns foram localizados possuem diversas atividades abertas ao público em geral, dentre elas o estudo do evangelho, os passes mediúnicos e as atividades fraternas (como a distribuição de alimentos para pessoas em vulnerabilidade social).

A pesquisadora frequentou semanalmente três centros da cidade ao longo de três meses, visando à sua inserção ecológica no campo (Prati, Couto, Moura, Poletto, & Koller, 2008). A inserção ecológica permitiu um maior contato com as práticas religiosas e com os potenciais participantes. Essa inserção pressupõe que o pesquisador, ao adentrar no ambiente de investigação, passe, ao longo do tempo, a também integrar o ambiente do fenômeno a ser estudado, afetando e



sendo afetado pelas interações produzidas no nível microsocial, o que garante uma maior compreensão dos processos presentes e como eles produzem mudanças no ambiente imediato. A inserção permite a análise do sistema interpessoal do contexto da pesquisa, incluindo as relações entre participante e pesquisador e tendo como consequência a possibilidade de o pesquisador experienciar, de modo próximo, o fenômeno que pretende compreender (Narvaz & Koller, 2011; Polonia, Dessen & Silva 2005).

Os participantes de cada centro foram indicados pelos seus dirigentes a partir dos critérios de inclusão apresentados e também considerando a concordância com todos os termos do trabalho. Entre os participantes também se encontram médiuns que foram diretamente contatados pela pesquisadora em campo. Antes do início da entrevista era apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Após a anuência do participante, dava-se início à coleta.

Sobre a composição da amostra do estudo, há que se recuperar alguns pressupostos da pesquisa qualitativa (Tong e outros, 2007). Primeiramente, essas entrevistas não estão comprometidas com a generalização dos dados, de modo que essas narrativas podem ser exploradas e refletidas tendo em vista um contexto específico de produção. No entanto, a possibilidade de discussão mais ampliada não se compromete com uma tentativa de generalização, mas de oferta de uma inteligibilidade que deve ser reconhecida e disparar novas reflexões. Além disso, ainda segundo os pressupostos da pesquisa qualitativa, a quantidade de participantes pode ser considerada significativa tendo em vista que as mesmas permitiram o alcance do objetivo central da pesquisa. Tentou-se ao máximo ampliar o número de respondentes buscando diferentes narrativas, mas a coleta foi encerrada quando se atingiu o critério de saturação – neste caso representado pelo alcance do objetivo e pela repetição de informações nas histórias dos diferentes interlocutores entrevistados.

Em relação ao recrutamento dos participantes também é importante considerar o envolvimento dos dirigentes. Nesse sentido, a pesquisadora aceitou entrevistar pessoas indicadas por esses colaboradores como uma forma de escutar o campo a partir da inserção ecológica. Assim, não houve o receio de que esse processo pudesse constituir um viés – na perspectiva aqui adotada este é um dado, um dado da inserção em campo.

As entrevistas foram conduzidas em salas reservadas dos próprios centros, respeitando a preservação do sigilo. As entrevistas foram audiogravadas com o consentimento dos participantes e transcritas na íntegra e literalmente, compondo o *corpus* analítico.



4.2 Análise de dados

O *corpus* foi submetido a leituras exaustivas por dois juízes, sendo um deles a pesquisadora que realizou as entrevistas em campo. A partir da análise temática reflexiva (Braun & Clarke, 2019), foi possível produzir quatro eixos temáticos para discussão, organizados a partir das narrativas apresentadas em todo o *corpus* e tendo como norte o objetivo do estudo: (a) Partilhando o existir: vivências na comunidade espírita; (b) Da dúvida à certeza: a renovação do espírito; (c) O papel do conhecimento no desenvolvimento mediúnico; (d) Espiritismo: existência e resistência.

Os eixos temáticos foram interpretados pelo modelo bioecológico proposto por Bronfenbrenner (1979/2002). Nesse modelo, o desenvolvimento humano é descrito como um processo de interação recíproca entre a pessoa e seu contexto, através do tempo. Esses processos de interação sofrem uma complexificação progressiva e têm como base um indivíduo ativo e biopsicologicamente em evolução (Narvaz & Koller, 2011). Ao ter a compreensão ecológica do desenvolvimento humano, o pesquisador pode voltar sua atenção para as interações e transições que o indivíduo estabelece em todos os ambientes, e não somente naqueles com os quais ele se relaciona imediatamente, além de poder atentar-se que tanto padrões de estabilidade quanto de mudanças podem se fazer presentes nos mais diversos contextos e mais variadas épocas, influenciando as características biopsicológicas do ser humano em seu ciclo de vida. Neste estudo foram considerados os quatro núcleos relacionais propostos pelo modelo: Pessoa, Processo, Contexto e Tempo (Benetti, Vieira, Crepaldi, & Schneider, 2013; Bronfenbrenner, 1979/2002; Narvaz & Koller, 2011; Polonia, Dessen & Silva, 2005; Prati e outros, 2008).

Resultados e Discussão

1. Partilhando o existir: vivências na comunidade espírita

Para cada médium, as vivências na comunidade espírita tiveram início de uma forma distinta. Há médiuns que já foram criados dentro da religião espírita e outros que só procuraram a religião depois que a mediunidade foi despertada ou reconhecida. Em ambos os casos encontrados na presente amostra, o apoio e a compreensão da família foram apontados como essenciais para o desenvolvimento dentro da doutrina, como comentado pelo médium André: *“minha família sempre me apoiou e apoiou minha crença e práticas espirituais,*



colaborando e participando não só na Casa Espírita, mas também no meu desenvolvimento enquanto médium, o que foi essencial pra mim". Além do desenvolvimento promovido pela família, os laços formados entre os membros dos centros espíritas possibilitam relações de proximidade que também são constitutivas da identidade dos médiuns. Obviamente que essa experiência de acolhimento pela família não pode ser generalizada, haja vista casos de intolerância, de desrespeito e mesmo de proibição de atividade religiosa por parte da família, levando a uma vivência religiosa sem o consentimento da mesma, como destacado no estudo de Sampaio (2004), realizado com voluntários espíritas. Tais dificuldades, no entanto, não foram relatadas na presente investigação.

Em Uberaba, por ser a cidade em que viveu por muitos anos Chico Xavier (Lewgoy, 2001), grande expoente da doutrina espírita no Brasil, é possível encontrar uma grande diversidade de centros espíritas, também conhecidos como lares ou casas espíritas. De modo geral, os três centros estudados oferecem um rol semelhante de atividades, como a leitura de textos espíritas, passes mediúnicos, sessões de cura e trabalhos fraternos, variando somente na frequência e distribuição semanal das atividades. Nesses centros há o incentivo para que os médiuns estudem a doutrina e possam se desenvolver, o que pode ser constatado a seguir:

O que que nós falamos no espiritismo, o homem evolui sozinho? Não. Ele não retrograda, mas ele não progride. Para progredir ele tem que estar em contato com a natureza, com os seus semelhantes [...] então o homem é um ser social, ele interage, ele procura todo ponto interagir com a população, com aquilo que o cerca. (Médium Eduardo).

A partir da análise das entrevistas, pode-se afirmar que o centro espírita, por meio de suas atividades contínuas e coletivas, pode possibilitar o estabelecimento de relações promotoras de desenvolvimento, uma vez que seus membros desenvolvem atividades, durante longos períodos de suas vidas, que visam ao seu desenvolvimento pessoal e ao desenvolvimento do próximo. Além disso, os médiuns possuem uma relação de proximidade com os demais membros, de modo que esse ambiente ecológico pode ser considerado importante para o desenvolvimento pessoal por também possibilitar o estabelecimento de relacionamentos com maior vinculação e, com isso, maior possibilidade de ressonância para o desenvolvimento individual do médium.

As relações de fraternidade presentes nesses espaços também influenciam significativamente as vivências dos médiuns, sendo motores de desenvolvimento



pessoal e relacional, garantindo a interação entre sujeito e ambiente. Por meio da fala do médium Alexandre, é possível perceber a importância das obras sociais:

É uma relação de muito, muito carinho, entendeu? Muita fraternidade, principalmente, com aquelas criaturas em dificuldades maiores, materialmente falando. Nós temos contato com as famílias da vila, a nossa obra assistencial nos faculta isso, tem a sopa fraterna, atendimento médico gratuito, odontológico, cestas básicas, então a gente tem um contato muito grande com a sociedade, principalmente ... dos mais pobres, materialmente falando, que às vezes é comum eles serem mais ricos espiritualmente do que a gente.

As relações estabelecidas nos centros afetam e são afetadas pela subjetividade de cada membro, sendo responsáveis pelo contínuo desenvolvimento dos médiuns. Tendo em vista que os ensinamentos espíritas propagam a ideia de amor ao próximo e do progresso espiritual (Kardec, 1859/2013, 1861/2006), os centros são materializações de interações de reciprocidade que estimulam os médiuns a permanecerem sempre buscando o desenvolvimento espiritual, explorando novas relações construtivas. O médium passa por diversas mudanças durante a sua vivência na comunidade espírita, uma vez que está constantemente buscando o aperfeiçoamento, o que envolve o estudo da doutrina, as conversas com pessoas mais experientes da casa espírita e o engajamento em diversas atividades institucionais, elementos estes que também contribuem, segundo os médiuns entrevistados, para o amadurecimento da mediunidade. Pode-se concluir, a partir desse eixo temático, que a casa espírita é um microsistema que não apenas representa um ambiente em que o desenvolvimento ocorre, mas que oportuniza e potencializa relações fundamentais para a experiência da mediunidade no espiritismo, como o estudo, o trabalho voluntário e a compreensão de que o desenvolvimento deve ser contínuo.

2. Da dúvida à certeza: a renovação do espírito

O desenvolvimento pessoal está intimamente ligado com a estabilidade e as mudanças que ocorrem, no decorrer do tempo, nas características biopsicológicas construídas na interação com o ambiente (Benetti e outros, 2013; Narvaz & Koller, 2011). Neste sentido, ao entrar em contato com o espiritismo, os médiuns destacam que ocorre uma grande mudança em suas características,



que favorecem o seu desenvolvimento pessoal. Os médiuns evidenciam que há a passagem da dúvida à certeza, uma vez que a doutrina responde às dúvidas sobre a experiência humana no plano terrestre, além de clarificar experiências que anteriormente despertavam medo e angústia, como trazido nos relatos:

O espiritismo me libertou de medos e me trouxe, assim, quando você se liberta do medo, quando você é libertado, você começa a crescer, você enfrenta e aí você começa a crescer e a doutrina ensina muita coisa pra gente nessa questão da conduta, ela não é uma doutrina que te força a ser, ela convida e aí vai de você, qual o melhor que você pode dar hoje? (Médium Fernanda)

Antes eu tinha mais medo porque você sente tanta coisa que você tem medo daquilo que você não consegue controlar, mas com o estudo, com a confiança do grupo que eu fazia parte eu fui entendendo o que eram. Antes eu tinha mais medo, então no meu caso como a mediunidade faz parte da minha vida desde criança, eu posso te falar que eu troquei o medo pela certeza. (Médium Renata)

A certeza que a doutrina traz promove crescimento, transformação e o que os participantes denominam como a “renovação do espírito”, que está em constante aprendizado. O aprendizado, todavia, só ocorre se o médium tiver interesse e sempre buscar as respostas. Compete ao médium uma característica geradora, ou seja, uma postura ativa para engajar-se em atividades, individuais ou coletivas, que promovam seu desenvolvimento. Nas entrevistas, foi relatado na maioria das entrevistas o papel de transformação que o espiritismo traz, mas sempre com o papel ativo do médium, como pode ser constatado nos seguintes relatos:

No espiritismo temos que cada vez estudar mais porque nós não temos diploma, em todas as áreas que nós estudamos na terra existe o diploma, nós fazemos cursos, né? Agora nós, quanto mais nós estudarmos será o doutorado em doutrina espírita, estudar os evangelhos de Jesus. (Médium Maria).

O espiritismo é atuante em meu equilíbrio mental, emocional nas relações interpessoais e nas transformações diversas. Atua de maneira decisiva nas nossas vidas [...] o estudo não termina nunca, pois a necessidade que tenho de me aperfeiçoar, melhorar e superar as tendências inferiores me levam a encontrar no Espiritismo aquilo que me consola e me esclarece. (Médium André).

O espiritismo permeia toda a constituição do médium, seus pensamentos, atitudes e comportamentos (Kardec, 1861/2006). Em relação à faculdade



mediúnica, os entrevistados relataram grandes mudanças em como eles eram antes de desenvolverem e/ou aperfeiçoarem sua mediunidade e depois dos estudos, trabalhos e dedicação. O processo de aperfeiçoamento da mediunidade e o crescimento espiritual constituem uma valiosa fonte de recursos ambientais e biopsicológicos que favorecem o desenvolvimento pessoal e, conseqüentemente, o efetivo funcionamento dos processos proximais, conforme ilustrado pelos trechos de entrevista a seguir:

Eu sou outra pessoa, quem me conheceu, não me conhece mais, entendeu? [...] Se o cara viesse de moto e fizesse uma barbaridade na minha frente eu xingava, hoje não, hoje eu oro para não acontecer nada com aquela pessoa, entendeu? Falo 'que Deus permita que amanhã eu não tenha que ver a mãe dele lá buscando notícia do filho dela, que Deus permita que ele seja orientado'. Então realmente mudou muito para mim, mudou demais da conta, só me beneficiou, eu não tenho nada o que falar, para mim foi uma benção muito grande, tá? Tomar contato com esses irmãos, com essas outras ideias, com essas... com essas coisas aqui. Me tocam profundamente o coração. (Médium Eduardo)

Nossa, eu mudei demais. Mudei muito, muito, muito. Eu era muito arrogante, é, mimada, sabe? Sei lá, eu acho que hoje eu consigo doar o amor que existia em mim e eu insistia em reprimir. Eu era muito difícil, muito. É, muito medrosa. Tinha uns comportamentos, assim, já fui meio perdida na vida, assim, sabe? (Médium Fernanda)

De acordo com a doutrina espírita, ao morrermos, nossa alma desencarna e segue pelo mundo dos espíritos. As qualidades e individualidades da alma se conservam mesmo quando reencarnadas em outro corpo material, portanto, as características adquiridas pelos indivíduos tanto são resultados de experiências passadas, quanto irão passar para vivências futuras (Fernandes, 2008). Portanto, para os médiuns, é de extrema importância o constante estudo e crescimento pessoal para que, na volta do mundo espiritual, sua alma seja de um espírito melhor, isto é, mais próximo da perfeição e de Deus.

A mediunidade, como expressa nos relatos, promoveu nos participantes uma transição ecológica (Bronfenbrenner, 1979/2002), ou seja, uma mudança de papel na comunidade. Ao serem reconhecidos socialmente e institucionalmente como médiuns, como pessoas que podem ajudar os outros, que são fraternas e que buscam a diminuição das assimetrias sociais, passam também a expressar mudanças em suas próprias vidas, no modo como se comportam e que, portanto, são interpretadas pelos outros sociais. As



mudanças, relatadas como expressivas, conservam a capacidade de conferir à pessoa uma espécie de nova identidade, lugar esse que posiciona o verdadeiro espírita como alguém que mudou comportamentos anteriormente considerados negativos.

A partir da leitura de Gaspar (2013) também podemos considerar que a transição ecológica nesses médiuns não ocorreu pelo reconhecimento da mediunidade em si, mas pela própria identificação com o espiritismo e pela possibilidade de essa doutrina oferecer respostas a questionamentos e a processos de sofrimento experienciados antes da frequência à casa espírita. Essa aproximação com a doutrina por meio da casa espírita, desse modo, já pode ser considerada um aspecto que contribui para a mudança e, conseqüentemente, para a transição. Esse aspecto pode ser apreendido em nosso presente estudo, sobretudo na narrativa daqueles que se tornaram espíritas, ou seja, que não nasceram em famílias espíritas. Assim, a presente amostra coloca em destaque a experiência mediúnica e o seu desenvolvimento dentro do espiritismo como um elemento potente de mudança, de transição.

Isso reforça a necessidade de compreensão da mediunidade como um fenômeno psicossocial que faz parte da identidade do sujeito, superando uma visão estigmatizada e que associava a mediunidade à psicopatologia e ao adoecimento mental (Menezes Júnior e outros, 2012; Osborne & Bacon, 2015). Também assinala para a potência de estudos que visem a compreender as experiências de mediunidade, não tentando representá-las, comprová-las ou refutá-las a partir de inteligibilidades produzidas externamente ao universo religioso. Como expressão de uma mudança de vida e de uma nova trajetória de desenvolvimento, a mediunidade é mencionada como algo positivo na vida desses participantes, funcionando como uma marca que sela no sujeito um processo de evolução, de desenvolvimento e de amadurecimento emocional.

2. O papel do conhecimento no desenvolvimento mediúnico

O espiritismo propõe uma postura crítica dos médiuns em relação às informações provenientes de fonte mediúnica ou de pesquisas e estudos, fazendo com que os médiuns estejam em constante aprendizado e reflexão acerca de suas práticas (Loeffler, 2003). Nesse contexto, as atividades de estudo e leitura de textos espíritas, propostas nos centros, visam a aumentar o conhecimento acerca da doutrina. Também visam a promover o que os participantes deste estudo descrevem, em suas palavras, como sendo o “caráter científico da doutrina”, ao mesmo tempo que compõem um padrão de atividades e relações



interpessoais que são vivenciadas, face a face, pelo médium, constituindo, portanto, o microsistema dos sujeitos (Narvaz & Koller, 2011). As interações que ocorrem nesse microsistema envolvem tanto os aspectos psicológicos de cada médium, como também os aspectos sociais e simbólicos do espiritismo. Essa interação dos médiuns entre si e permeados pela ciência pode ser ilustrada a partir dos seguintes relatos:

Acho que quando a gente se entende, quando a gente busca, quando a gente tem real conhecimento [...] do nosso tamanho com relação ao mundo e a gente mesmo, a gente se ama, se forma, a gente é capaz de olhar o outro e amar o outro. (Médium Renata)

Uma das coisas mais importantes é o estudo, a prática é muito importante, mas se você não estudar você não tem como praticar porque você não vai conhecer, muita gente às vezes julga, porque a gente só julga aquilo que a gente não conhece, julga a doutrina porque não tem conhecimento porque acha que uma casa espírita é 'ah! Eu vou lá, tem espírito' e não é só isso, é muito mais [...]. A gente, mesmo nós que estamos aqui que a gente estuda, a gente sabe muito pouco ainda dessa doutrina dos espíritos, né? (Médium Fátima)

Nas falas dos entrevistados ganham destaque os ensinamentos acerca da moral que devem ser seguidos pelos médiuns, moral essa que deve perpassar todos os contextos, diretos e indiretos, de vida do médium. Sendo assim, ela afeta não somente o microsistema dos indivíduos, como também o mesossistema, uma vez que a sua moral deverá ser a mesma dentro e fora dos centros, atingindo todos os sistemas dos quais ele se faz parte, conforme explicitado no trecho de entrevista da médium Fátima:

Eu falo sempre que a doutrina não é só lidar com espírito, é muito mais, é um estudo filosófico que só faz engrandecer cada pessoa que tem contato com a doutrina espírita porque ela fala de tudo [...]. Eu me sinto bem, eu consigo mais ter domínio das minhas ações, entendeu, assim? Às vezes, se eu não tivesse estudando a moral, se eu não tivesse às vezes praticando essa filosofia, tem situações da minha vida que eu acho que talvez eu não conseguiria passar, superar, porque todos nós temos problemas, não é porque a gente estuda a doutrina espírita ou trabalha e segue esse caminho que a gente escolheu, tá dentro da casa que a gente não tem problema, não existe isso, às vezes as pessoas acham que é porque você é espírita que você tá dentro de uma redoma de vidro e na verdade você não tá não, às vezes você é muito mais testado que o outro que não tem condição de superar aquilo, então se eu não tivesse dentro da doutrina hoje, estudando, tem situações que



talvez eu não daria conta.

O espírito, que é a “fonte do sagrado em nós” (Fernandes, 2008, p. 31), deve procurar sempre se aprimorar. Além disso, quando encarnado, o espírito tem como função propagar o amor, a caridade e a benevolência, princípios defendidos dentro da doutrina. Portanto, cabe aos médiuns se engajarem em obras de caridade, doações, benfeitorias ao próximo e almejar sempre o respeito e o amor, o que é corporificado nos centros espíritas como aqueles nos quais ocorreu o presente estudo.

A moral e os valores religiosos que perpassam o médium atingem não somente sua constituição identitária, mas também todos os sistemas nos quais ele está inserido (microsistemas dos quais participa presencialmente) e os ambientes em que não está frequentemente como participante ativo, mas que sofrem interferência da sua ação social (exossistema). No caso do exossistema, por exemplo, tais experiências ocorriam e ocorrem independentemente da sua ação ou presença, mas podem interferir em sua experiência. Tomando o desenvolvimento humano no sentido ecológico e bidirecional (Polonia e outros, 2005), pode-se inferir que os médiuns influenciam e são influenciados pelo impacto que suas ações fraternas causam nos mais diversos contextos. Exemplos dessas atividades e suas repercussões são dados nos seguintes relatos:

A doutrina espírita nos traz fé, confiança no próximo para doação do próximo porque ninguém é feliz se você não reparte a felicidade para o próximo, se você não multiplica aquilo que você tem com seu semelhante, nós temos que dividir aquilo que eu tenho, aquilo que eu sou. (Médium Maria)

Espiritismo é basicamente isso, o que de melhor você pode fazer pelo seu próximo e aí quando a gente aprende a fazer, igual esse pessoal aí envolvido no almoço, quando você aprende a servir de verdade, assim, a gente sente um bem-estar muito grande, sabe? É... porque estar ali você tá quebrando muita barreira, o fato de você estar ali na cozinha, o fato de você conviver em equipe [...]. A gente descobre que muitas vezes lavar uma panela ou lavar o banheiro é o melhor trabalho mediúnico que tem na casa. (Médium Fernanda)

As características que constituem a doutrina espírita compõem o macrossistema que influencia no desenvolvimento humano. O macrossistema é composto não só pela cultura presente no dia-a-dia das pessoas, mas também pelas “subculturas” particulares de cada indivíduo imbricado neste contexto (Narvaz & Koller, 2011; Polonia e outros, 2005). Portanto, tanto a doutrina



quanto a vivência de cada médium e de cada pessoa que foi afetada pela ação assistencial podem interferir na interação ambiental produtora de desenvolvimento que se dá no microsistema. Esses processos de mudança ao longo do tempo foram relatados pelos participantes, em uma alteração até mesmo da importância que se dá ao fenômeno da mediunidade, compreendendo-o como algo indissociável da caridade e da prestação de serviços assistenciais, como relatado pela médium Fernanda. Esse sentido ampliado de mediunidade parece próximo àquele apresentado por Cavalcanti (2008).

No caso deste presente estudo, assim como relatado em diversos estudos, como o de Sampaio (2004), por exemplo, deve-se compreender que ter acesso a esse aprendizado não é algo exclusivo dos médiuns, mas de todos os colaboradores da casa. No entanto, ressalta-se que tais médiuns, nas entrevistas, acabam produzindo sentidos sobre a mediunidade que ultrapassam as expressões ou faculdades geralmente descritas tanto na literatura espírita quanto na acadêmica, priorizando uma descrição mais ampliada e que envolve, inequivocamente, o estabelecimento de relacionamentos interpessoais na casa espírita, ou seja, no microsistema, considerado aquele com maior potencial para a promoção do desenvolvimento.

3. Espiritismo: existência e resistência

O desenvolvimento humano é permeado por mudanças e continuidades que se dão ao longo do tempo. O elemento tempo (ou cronossistema) é essencial para que possamos compreender não só as transições que ocorrem em relação à pessoa, mas também as estabilidades que se solidificam e o dinamismo entre estes aspectos (Narvaz & Koller, 2011). Tendo isso em vista, pode-se perceber que o espiritismo tem se consolidado como uma forte religião no Brasil (Fernandes, 2008). No passado, a doutrina espírita já sofreu mais preconceitos e discriminações, principalmente pela incompreensão dos fenômenos mediúnicos que a constituem, conforme explicitado pelo médium Carlos:

Naquela época [1950] ninguém era espírita e tinha medo de ser espírita. Eu sabia que era espírita, eu sabia que o espiritismo era muito mal compreendido pela igreja, eles falavam que era do demônio...a gente não ficava com medo, mas eu sabia da incompreensão do poder clerical. Eu sabia dessa grande incompreensão, dessa grande dificuldade de entendimento e no silêncio a gente ia caminhando, vivendo, sem confessar pros outros, sem esnoabar nossa crença pra ninguém... Só agora, de uns 25 anos pra cá que o espiritismo tomou um status intelectual na sociedade. Já tem um certo respeito na sociedade, nas culturas.



Então eu passei por tudo isso, convivi com tudo isso...essa incompreensão, essa dificuldade.

Com a maior disseminação dos preceitos espíritas e o crescente número de estudos para se conhecer as diferentes religiões houve, paulatinamente, a desconstrução dos preconceitos e juízos de valor considerados negativos acerca da doutrina. No campo científico, processo semelhante ocorreu com a categoria mediunidade (Alvarado e outros, 2007). As perseguições e discriminações não são mais as mesmas que as vividas nas épocas passadas, porém, atualmente, elas apresentam-se de outras formas, compondo os fenômenos da intolerância e da violência religiosa. Exemplos dessa vivência de resistência, em busca de um diálogo mais propositivo com foco não nos fenômenos em si que podem despertar disputas entre inteligibilidades, como acontece com a mediunidade, mas no sentido de respeito e interesse pelo humano podem ser observados no relato da médium Renata:

Eu espero que as pessoas desmistifiquem mais a questão da mediunidade, eu espero que as pessoas se importem mais com as outras, eu acho que de dentro de qualquer núcleo religioso acaba que as pessoas formam hierarquia e sei lá. Então eu espero que a gente consiga se importar mais com o outro, menos com os fenômenos, eu acredito que isso vai passar a ser uma coisa natural.

Buscando sempre a evolução pessoal, os médiuns estão constantemente estudando e se aperfeiçoando, o que influencia no conhecimento que é passado por entre as gerações acerca da doutrina. Nesse sentido, não só as mudanças e estabilidades da doutrina impactam os médiuns, como a dedicação deles em relação à mesma também influencia como ela será conhecida no futuro. Para desenvolver a mediunidade e elevar seu espírito, o médium deve manter-se em um aprendizado perene. Além disso, os médiuns relatam que quanto mais se estuda e mais se conhece, mais percebe-se que eles estão ainda no “nível primário” do progresso espiritual, conforme elucidado pelo médium Alexandre:

No livro dos espíritos, que é o principal livro do espiritismo, mostra que ... todos os seres estão em evolução, fala que a escola do planeta Terra, que é a nossa, que somos alunos primários na evolução eterna espiritual. Hoje nós estamos no primário, mas a nossa destinação, espiritualmente falando, é Harvard, é Sorbonne.

Discutindo esse trecho em específico podemos assinalar, ainda, um marcador importante nesses médiuns que é o reforçamento de uma atitude de



modéstia em relação às próprias faculdades mediúnicas e, sobretudo, em relação ao progresso espiritual. A necessidade de manutenção de uma modéstia coletiva era um aspecto fortemente defendido por Chico Xavier (Lewgoy, 2001), reforçando sentidos atribuídos à mediunidade, tais como: o de progresso, da abnegação, da caridade e do reconhecimento de se estar no início desse percurso.

Em relação ao tempo, destaca-se também que, para a doutrina espírita, a morte não finda o tempo da pessoa. Por acreditarem na reencarnação, em que o espírito retorna do mundo dos espíritos e assume um corpo material, os espíritas procuram sempre estar se desenvolvendo e fomentando um crescimento pessoal, uma vez que o espírito, depois de desencarnado, carrega consigo todas as experiências e evolução que teve no plano terreno (Fernandes, 2008). A noção de tempo, portanto, transcorre diferente para os espíritas, uma vez que há a crença de que o indivíduo pode continuar evoluindo e se desenvolvendo em outras encarnações, além de já ter consigo características de encarnações passadas. Nos trechos das seguintes entrevistas é possível perceber como a noção de tempo adquire um caráter mais contínuo para os médiuns:

Não, não vou morrer. Eu não vou morrer, eu vou libertar, eu vou deixar de ter três hérnias de disco, vou deixar de ter uma artrose na coluna, entendeu? Vou deixar de ter uma tendinite. Então eu vou ficar só com as angústias da alma, com as angústias do espírito que eu já tenho elas hoje, mas as angústias do corpo, essas vão embora, mas eu vou ficar aqui até o último minuto, porque eu tenho um compromisso com o próximo. (Médium Eduardo)

Bom, hoje eu sou espírita, mas eu sei que no passado eu não fui espírita... ou fui evangélico, protestante, católico e, mais pra trás, eu vivi ou no Egito ou na Índia [...]. Isso a gente sabe, esse é o nosso passado. Nosso passado não é só hoje, pra nós isso aí não é nada hoje. Essa alma, tem, vamos dizer, cinco mil vagões. Vai colocar mais um vagãozinho. Então esse vagãozinho ele não vai mudar muito essa personalidade que já tem cinco mil vagões cheios de experiência. Então, a criança quando nasce, o espírito quando reencarna e se transforma numa criança, ele já tem uma personalidade formada, de milênios. (Médium Carlos)

Os relatos apresentados costumam a dimensão tempo ao processo de desenvolvimento. Esse processo de desenvolvimento é compreendido para além do aspecto terreno – e da categoria ecológica, por extensão –, dialogando com outras existências, segundo a crença espírita. Desse modo, o desenvolvimento dos participantes é apresentado não apenas com referência ao que se foi antes



de adentrar na doutrina ou desenvolver a mediunidade, mas como um produto de diferentes encarnações, cada qual apresentada com diferentes características.

A mediunidade acaba sendo um fenômeno que atravessa o desenvolvimento e proporciona uma transição ecológica, como discutido anteriormente. No entanto, a mediunidade não opera de modo único e exclusivo, sendo mais um elemento responsável pela trajetória dos médiuns. Essas trajetórias desenvolvimentais justificam-se ou podem ser explicadas para além dos sistemas e dos tempos que podem ser apreendidos por uma análise bioecológica. Assim, opera-se a necessidade de compreender de que modo as crenças espíritas e, portanto, um referencial de mundo e de ser humano, acabam atravessando quem se é e quem se pode ser ao longo do ciclo vital. Sem essa referência ao mundo cultural e nativo dos participantes não se pode apreender o que, de fato, constitui o desenvolvimento.

Assim, a investigação dos elementos bioecológicos, quando aplicados a cenários específicos como o que foi retratado neste presente estudo, pode e deve se aportar em elementos que dialogam com os sistemas interativos definidos por Bronfenbrenner (1979/2002), abarcando um referencial teórico que considera o desenvolvimento na costura das histórias de vida de médiuns, ou seja, considerando como corporificadas as relações estabelecidas entre mediunidade, contextos ecológicos (sobretudo o centro espírita) e crenças espirituais que se atualizam no modo como o sujeito se apresenta no mundo e se relaciona com os outros sociais e consigo mesmo, em um processo autorreflexivo permanente.

Considerações finais

Os médiuns entrevistados mostram-se em constante desenvolvimento. Para além de aspectos situados no próprio indivíduo e em sua história (nesta vida e em outras encarnações, segundo as crenças professadas), devem dialogar com os contextos interativos, sobretudo com os centros espíritas que funcionam como uma rede significativa de apoio, pertença e de potencialidades para o amadurecimento. Enquanto microsistema, compõem, de fato, um ambiente ecológico potente para o desenvolvimento.

A mediunidade é significada pelos participantes como um dom natural ao ser humano e pode ser aprimorada com estudo e dedicação, cabendo ao médium ter uma postura ativa diante do seu crescimento. Ainda nesse sentido, a mediunidade é entendida como uma grande responsabilidade, que deve ser utilizada em prol do bem ao próximo, preceito fundamental da doutrina. Assim, o fenômeno mediúnic, em conjunto com todas as demais vivências espíritas, é



indissociável da construção identitária dos indivíduos, sendo capaz, portanto, de influenciar todos os núcleos do desenvolvimento humano.

A partir desses apontamentos, considera-se a mediunidade como um fenômeno que encontra uma concretude nas experiências dos médiuns, ou seja, não se trata de um fenômeno exclusivamente espiritual que não pode ser corporificado, mas justamente atravessa materialmente a experiência e a atuação assistencial dentro das casas espíritas, podendo interferir nos processos desenvolvimentais e nas trajetórias de vidas das pessoas que manifestam em seus corpos algum tipo de mediunidade, notadamente as que se filiam à doutrina espírita. Conjectura-se, aqui, que este aspecto também possa ser explicado por uma ética espírita que é divulgada não apenas entre os médiuns, mas entre todos os espíritas, que envolve processos humanitários e uma atitude constante de autodesenvolvimento, entre outros elementos, como assinalado no estudo de Sampaio (2004).

Ressalta-se, nesse sentido, que o estudo da influência dos fenômenos mediúnicos nas vivências dos sujeitos não é um campo que se finda nesta investigação ou que já foi suficientemente respondido pela literatura científica. As relações entre mediunidade e desenvolvimento são apenas uma possibilidade de vértice a ser cotejado. No entanto, recomenda-se que os estudos vindouros possam, por exemplo, investigar tais fenômenos de modo longitudinal, de modo que os processos de desenvolvimento não sejam narrados apenas do ponto no qual se situa o sujeito, mas percorrendo o caminho que o conduziu à experiência presente. Assim será possível apreender as continuidades e discontinuidades que porventura existam nesse processo. Também se recomenda a existência de estudos sobre a mediunidade que possam realizar uma escuta de colaboradores espíritas com e sem a manifestação da mesma, a fim de que essas experiências possam ser compreendidas e problematizadas em paralelo. Por fim, destaca-se que a leitura biopsicológica apresentada pode ser uma contribuição do presente estudo no sentido de ampliar o diálogo da ciência psicológica com fenômenos até então circunscritos a áreas como a Psicologia da Religião.

Referências

Almeida, A. A. S. (2007). *Uma fábrica de loucos: Psiquiatria x Espiritismo no Brasil (1900-1950)*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

Alvarado, C. S., Machado, F. R., Zangari, W. & Zingrone, N. L. (2007). Perspectivas históricas da influência da mediunidade na construção de idéias psicológicas e psiquiátricas. *Archives of Clinical Psychiatry*,



- 34(Suppl. 1), 42-53. Recuperado em 03 de maio, 2021, de <https://www.scielo.br/pdf/rpc/v34s1/a07v34s1.pdf>.
- Aubrée, M. & Laplantine, F. (1990). *La Table, Le Livre et les Esprits*. Paris: Éditions Jean-Claude Lattès.
- Benetti, I. C., Vieira, M. L., Crepaldi, M. A. & Schneider, D. R. (2013). Fundamentos da teoria bioecológica de Urie Bronfenbrenner. *Pensando Psicologia*, 9(16), 89-99. Recuperado em 03 de maio, 2021, de <https://revistas.ucc.edu.co/index.php/pe/article/view/620>.
- Betarello, J. (2010). *Unir para difundir: o impacto das federativas no crescimento do espiritismo*. São Paulo: CCDPE-ECM.
- Braun, V. & Clarke, V. (2019). Reflecting on reflexive thematic analysis. *Qualitative Research in Sport, Exercise and Health*, 11(4), 589-597. Recuperado em 03 de maio, 2021, de <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/2159676X.2019.1628806?scroll=top&needAccess=true>.
- Bronfenbrenner, U. (2002). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados* (M. A. V. Veronese, Trad.). Porto Alegre: Artmed. (Original publicado em 1979).
- Camargo, A. F. G., Scorsolini-Comin, F. & Santos, M. A. (2018). A feitura do santo: percursos desenvolvimentais de médiuns em iniciação no candomblé. *Psicologia & Sociedade*, 30, 1-13. Recuperado em 03 de maio, 2021, de <https://www.scielo.br/pdf/psoc/v30/1807-0310-psoc-30-e189741.pdf>.
- Cavalcanti, M. L. V. C. (2008). *O mundo invisível: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no espiritismo*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais.
- Damazio, S. (1994). *Da elite ao povo: advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Fernandes, P. C. C. (2008). *As origens do espiritismo no Brasil: razão, cultura e resistência no início de uma experiência (1850-1914)*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade de Brasília, Brasília, DF.
- Gaspar, Y. E. (2013). *Ser voluntário, ser realizado*. São Paulo: CCDPE-ECM.
- Gomes, S. (Org.) (2010). *Pinga-Fogo com Chico Xavier*. Catanduva, SP: InterVidas.



- Kardec, A. (2013). *O que é o Espiritismo* (Redação de Reformador, Trad.). Brasília: FEB. (Original publicado em 1859).
- Kardec, A. (2006). *O livro dos médiuns* (J. H. Pires, Trad.). São Paulo: LAKE. (Original publicado em 1861).
- Lewgoy, B. (2001). Chico Xavier e a cultura brasileira. *Revista de Antropologia*, 44(1), 53-116. Recuperado em 03 de maio, 2021, de <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/27124/28896>.
- Lewgoy, B. (2006). Representação de ciência e religião no espiritismo kardecista: antigas e novas configurações. *Civitas*, 6(2), 151-167. Recuperado em 03 de maio, 2021, de <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/60/6919>.
- Loeffler, C. F. (2003). *Fundamentação da ciência espírita*. Niterói: Lachâtre.
- Menezes Júnior., A., Alminhana, L. & Moreira-Almeida, A. (2012). Perfil sociodemográfico e de experiências anômalas em indivíduos com vivências psicóticas e dissociativas em grupos religiosos. *Revista Psiquiatria Clínica*, 39(6), 203-207. Recuperado em 03 de maio, 2021, de <https://www.scielo.br/pdf/rpc/v39n6/05.pdf>.
- Narvaz, M. G. & Koller, S. H. (2011). O modelo bioecológico do desenvolvimento humano. Em S. H. Koller (Org.), *Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenção no Brasil*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Osborne, G. & Bacon, A. M. (2015). The working life of a medium: A qualitative examination of mediumship as a support service for the bereaved. *Mental Health, Religion & Culture*, 18(4), 286-298. Recuperado em 03 de maio, 2021, de <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13674676.2015.1022520>.
- Polonia, A. C., Dessen, M. A. & Silva, N. L. P. (2005). O modelo bioecológico de Bronfenbrenner: contribuições para o desenvolvimento humano. Em M. A. Dessen & A. L. Costa Júnior (Orgs.), *A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras*. Porto Alegre: Artmed.
- Prati, L. E., Couto, M. C. P. P., Moura, A., Poletto, M. & Koller, S. H. (2008). Revisando a inserção ecológica: uma proposta de sistematização. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(1), 160-169. Recuperado em 03 de maio, 2021, de <https://www.scielo.br/pdf/prc/v21n1/a20v21n1.pdf>.
- Sampaio, J. R. (2004). *Voluntários: um estudo sobre a motivação de pessoas e a cultura em uma organização do terceiro setor*. Tese de Doutorado,



Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Scorsolini-Comin, F. (2019). Mediumship and mental health: tensions from ethnopsychiatry/ethnopsychology. *International Journal of Development Research*, 9(9), 29957-29962. Recuperado em 03 de maio, 2021, de https://www.journalijdr.com/sites/default/files/issue-pdf/16657_0.pdf.

Stoll, S. J. (2002). Religião, ciência ou autoajuda? Trajetos do espiritismo no Brasil. *Revista de Antropologia*, 45(2), 361-402. Recuperado em 03 de maio, 2021, de https://www.journalijdr.com/sites/default/files/issue-pdf/16657_0.pdf.

Tong, A., Sainsbury, P. & Craig, J. (2007). Consolidated criteria for reporting qualitative research (COREQ): a 32-item checklist for interviews and focus groups. *International Journal for Quality in Health Care*, 19(6), 349-357. Recuperado em 03 de maio, 2021, de <https://academic.oup.com/intqhc/article/19/6/349/1791966>.

Nota sobre o autor:

Sara Miyuki Suzuki é psicóloga pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro. E-mail: suzuki.sara@hotmail.com.

Fabio Scorsolini-Comin é psicólogo, mestre, doutor e livre-docente em Psicologia pela Universidade de São Paulo. Docente do Departamento de Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo. E-mail: fabio.scorsolini@usp.br.

Data de submissão: 12.05.2020

Data de aceite: 25.03.2021